

Pesquisa participativa baseada na comunidade: intencionalidades e enfoques presentes na literatura da área da saúde

Community based participatory research: intentions and approaches to participation in the health field

Maria Fernanda Petroli Frutuoso¹, Rosilda Mendes², Cassio Vinicius Afonso Viana³, Marco Akerman⁴, Paulo Santos de Almeida⁵, Nina Wallerstein⁶

Artigo de Revisão

RESUMO

Este artigo teve como objetivo discutir como a Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade vem sendo incorporada nas pesquisas brasileiras na área da saúde, quais os temas mais frequentes e quais suas intencionalidades teórico-metodológicas. Trata-se de uma revisão integrativa realizada nas bases de dados LILACS e SciELO, incluindo a produção científica publicada no Brasil, entre 2018 e 2021. Os 15 artigos selecionados, com diferentes abordagens metodológicas, apresentam diversidades de temas (segurança alimentar e nutricional, bullying, arte-educação, saúde da criança, trabalho com reciclagem e em saúde, pandemia, desastres e emergências em saúde) e participantes (profissionais e gestores da saúde, estudantes, comunidade). Os estudos anunciam as diversas vertentes das pesquisas participativas (pesquisa-ação, pesquisa-intervenção, pesquisa-participante) e estratégias de acompanhamento, como os comitês de pesquisa, que podem fortalecer a inclusão dos participantes processualmente em todas as etapas da pesquisa. O uso de múltiplas ferramentas metodológicas (oficinas, grupo focal, entrevistas) e a triangulação de dados também são anunciados como estratégias para fortalecer a participação de profissionais e comunidade em um processo de pesquisar “com”. A denominação de pesquisas participativas, suas origens e pressupostos não se efetiva de forma uniforme. Independentemente das denominações e escolhas metodológicas, a revisão aponta que a Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade, nas pesquisas brasileiras na área da saúde, aparece em estudos de diversos temas, que têm em comum a intenção de romper com a dicotomia pesquisador-pesquisado, sujeito-objeto e investir em uma “política de participação”, sensível às realidades e demandas sociais, com vistas à transformação social.

Palavras-chave: Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade. Pesquisa Interdisciplinar. Metodologia. Sistema Único de Saúde.

ABSTRACT

This paper aimed to discuss how Community Based Participatory Research has been incorporated into Brazilian health research around, the most frequent themes and their theoretical-methodological intentions. This is an integrative review carried out in LILACS and SciELO databases, including scientific production published in Brazil, between 2018 and 2021. There were fifteen selected articles, with different methodological approaches that show a diversity of themes (food and nutritional security, bullying, art education, child health, recycling and health work, Covid-19, and health emergencies), also it was targeted audiences them (health professionals and managers, students, and community). These studies announce the different aspects of participatory research (action research, intervention research, and participant research) which follow-up strategies, such as research committees, which can strengthen the inclusion of participants in all research's stages. The use of multiple methodological tools (workshops, focus groups, interviews) and data triangulation are also heralded as strategies to strengthen the participation of professionals and the community into a process of researching 'within'. The participatory research's title, and its origins and assumptions have not been applied uniformly. Regardless of the denominations and methodological choices, the review points out that Community-Based Participatory Research, in Brazilian research in the health area, appears in studies of various themes, which have in common the intention of breaking with the 'researcher-researched', subject-object dichotomy and invest in a 'participation policy', which could be sensitive to social realities and demands, with a view to social transformation.

Keywords: Community-Based Participatory Research. Interdisciplinary research. Methodology. Unified Health System.

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6078-5511> - E-mail: fernanda.frutuoso@unifesp.br

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5680-1657>

³ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0991-5023>

⁴ Universidade de São Paulo (USP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1522-8000>

⁵ Universidade de São Paulo (USP) – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3240-4037>

⁶ University of New Mexico (UNM) – USA – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1969-0799>

INTRODUÇÃO

Deparamo-nos frequentemente com críticas às tradicionais formas de pensar e fazer pesquisas que interrogam a díade sujeito-objeto, a intrínseca relação entre teoria e prática, o lugar do pesquisador e o próprio ato de pesquisar. É no bojo dessa discussão que se insere a ideia de que os sujeitos são geradores de conhecimento pautados por saberes que se engendram nos encontros marcados pela implicação coletiva. Esse debate epistemológico convoca à diferenciação entre pesquisas que colocam o pesquisador em um lugar de privilégio, com saberes altamente valorizados e especializados, para outro, de experimentação e de exercício de aproximação entre culturas, saberes e formas de conhecer.

A denominação de pesquisas participativas não se efetiva de forma uniforme. Não pretendemos aqui colocar exaustivamente as distinções entre o que temos chamado de pesquisa-participante, pesquisa-ação, investigação ação participativa, investigação colaborativa, pesquisa militante, pesquisa-intervenção e outras tantas denominações que vêm ampliando o entendimento da intencionalidade do processo investigativo participativo. Em relação à variedade de denominações das pesquisas participativas, Brandão alertou: “...mudam os nomes daquilo que, na verdade, procede de origens, práticas e preocupações muito próximas e parece apontar para um mesmo horizonte”¹⁽¹⁵⁾.

Essa premissa da não diferenciação conceitual entre vertentes de pesquisas participativas não é, no entanto, consensual. Vários autores têm se dedicado a estudos que propiciam uma compreensão teórico-metodológica de cada uma dessas linhas¹⁻¹¹.

Suas gêneses também são distintas, a pesquisa-ação, por exemplo, remonta ao final dos anos de 1930 e início dos 1940 nos Estados Unidos, com o psicólogo social Kurt Lewin¹², que a concebeu como um processo cíclico de ação-reflexão. Sua contribuição, no entanto, se concentrou em melhorias organizacionais e não em mudanças sociais mais amplas¹³. A ressignificação da pesquisa-ação ocorreu nos anos de 1960, na Europa e Canadá, período que Barbier⁴ chama de “radicalização política e existencial”. Daí a ideia de que a pesquisa se caracterizaria por um lado, como uma “revolução ou radicalização epistemológica”, e por outro, como “eficácia política e social”. Parece-nos ainda bem atual as indagações de Franco⁷ em relação à pesquisa-ação, quando nos instiga a pensar de que pesquisa e de que ação falamos, ou ainda como pesquisa e ação se integram em um “exercício pedagógico”, político e social, a partir de princípios éticos, que apostam em uma permanente formação e emancipação de todos os sujeitos envolvidos no processo investigativo.

Ao se referir às relações entre a pesquisa-ação e a pesquisa participante, desenvolvida e disseminada a partir das contribuições de Brandão nos anos de 1980, Thiollent⁶ reconhece que certas posições filosóficas e valorativas podem ser destacadas em ambas, como a concepção

humanista corroborada pela ideia de participação ou ação coletiva, pela possibilidade de estabelecer uma comunicação efetiva, cultural e social, pelo desenvolvimento de um sentido de solidariedade, além de valores associados ao modo de utilização dos resultados e do conhecimento produzido no processo investigativo. No entanto, a distinção mais clara entre elas, de acordo com o autor, está assentada no fato de que a pesquisa participante se preocupou sobretudo com o papel do investigador e à problematização da relação “pesquisador/pesquisado”, enquanto que a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa centrada no agir. Sua efetivação consiste na geração de informações que serão compartilhadas a fim de orientar estratégias para tomada de decisão.

A pesquisa-intervenção constitui-se em outra abordagem bastante presente em estudos na área da psicologia social, educação e saúde. Situada no âmbito da Análise Institucional, movimento que surgiu na França nas décadas de 1960 e 1970, teve como seus precursores René Lourau e Georges Lapassade. O conceito de instituição, definido por Lourau enquanto um movimento dinâmico e dialético, é resultado de três momentos: o instituído, o instituinte e a institucionalização. Esse conceito foi uma ferramenta-chave para a intervenção denominada socioanálise, também inspirada em outras formas de intervenção dos anos de 1950 e 1960. Dois conceitos são aqui destacados: o da “intervenção” que, para Lourau, significa que o pesquisador é ao mesmo tempo técnico e praticante, e o da “implicação”, que é a do pesquisador, mas também da instituição, implicação social e da “escritura ou qualquer meio que sirva à exposição da pesquisa”¹¹.

O surgimento do movimento pelas pesquisas de abordagem participativa na América Latina esteve intimamente relacionado ao contexto social e político dos anos de 1960 e 1970 e às formas de resistência aos regimes ditatoriais. Não é sem razão que o ato de pesquisar venha atrelado à participação de grupos que sempre estiveram à margem de decisões políticas. A participação como fundamento, dessa forma, propiciaria refletir coletivamente também sobre o ato de conhecer, pesquisar e atuar na direção da transformação social.

O sociólogo e pesquisador colombiano Fals Borda, pode ser considerado um dos precursores da participação em pesquisas, constituída como um elemento de revisitação da ciência clássica, de mera quantificação estatística, para uma abordagem qualitativa, cultural e, sobretudo, aberta à compreensão de realidades. Traz ali uma forte crítica à unidade de método prevalente nas ciências sociais, à radical separação entre ciência e política e à desvinculação entre teoria e prática, propondo caminhos alternativos de ação. Essa corrente de pensamento orientada pelo que se chamou “paradigma emancipatório” teve uma relação muito estreita com a educação popular e com outros movimentos de luta popular que traziam, naquele período, uma clara intenção de produzir conhecimentos que permitissem às classes populares das sociedades

latino-americanas compreenderem sua complexa realidade a fim de poder transformá-la¹⁴. Diz o autor:

São muito evidentes as potencialidades de se obter um novo conhecimento sólido a partir do estabelecimento, na pesquisa, de uma relação mais proveitosa sujeito-sujeito... na medida que as políticas de participação se tornam mais sensíveis às necessidades reais das bases sociais e rompem com as relações verticais e paternalistas tradicionais²⁽⁵⁹⁾.

Da perspectiva metodológica podemos destacar que, em geral, as pesquisas participativas reforçam a crítica do tradicional esquema formulação e comprovação de hipóteses e apostam em certa imprevisibilidade nas estratégias a serem utilizadas. Os dados são produzidos em processo e na interação entre sujeitos e as análises não apontam conclusões definitivas, são indicações provisórias e, como tais, passíveis de novas interpretações.

Neste artigo, pretendemos nos dedicar à análise da perspectiva da Community-Based Participatory Research (CBPR) ou Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade (PPBC) que vem sendo disseminada ao longo de 25 anos, e no Brasil, especialmente a partir de 2010. Reiterando o compromisso de albergar pressupostos teóricos da participação na pesquisa, a PPBC surge como forma alternativa de pesquisar que coloca em revisão quem são os pesquisadores: acadêmicos, profissionais e comunidade.

Sua base teórico-metodológica assenta-se em uma perspectiva freiriana, colaborativa e comunitária com ênfase na justiça social. A prática e a reflexão sobre a parceria, bem como a ideia de que o processo participativo de pesquisar inclui necessariamente aqueles sujeitos que estão mais diretamente envolvidos, a caracterizam como “pesquisa com” e não “sobre” ou “para eles”^{13,15,16}.

Do ponto de vista metodológico, a CPBR tem alcançado um lugar de destaque com uma abordagem que privilegia o fortalecimento de parcerias, apoio e empoderamento coletivo, transformações a nível cultural e organizacional e o campo das políticas públicas. Desde o ano de 2009, a New Mexico University — EUA em parceria com a University of Washington — EUA, University of Waikato — Nova Zelândia e a University of California — EUA têm desenvolvido pesquisas e metodologias quali-quantitativas para analisar o modelo CBPR. As ferramentas participativas foram sistematizadas a partir de um modelo lógico com quatro domínios: contexto, processos de parcerias, intervenção e pesquisa e resultados, e estão disponibilizadas no site <https://engageforequity.org>. Em linhas gerais, têm o propósito de potencializar a comunicação entre os diversos atores (comunidades, universidades, profissionais e de governos); favorecer as vozes da comunidade dentro da pesquisa; intervir nas reais necessidades locais com forte participação dos envolvidos; e combinar conhecimento e ação social para a mudança com impacto nas políticas e práticas sociais. No entanto, a dimensão central da CBPR destaca menos o tipo de método usado e investe mais fortemente na mudança de relação entre pesquisadores

e sujeitos envolvidos, para que as pessoas se tornem parceiros colaborativos nos processos investigativos^{13,15}.

O interesse nessa abordagem nasce de nossa participação em grupos de estudos, formação e pesquisa que vêm se dedicando a compreender e democratizar os processos de investigação em suas dimensões políticas, ideológicas e científicas. Por trás dessa intencionalidade jaz uma forte crítica à separação entre ciência e política, desvinculação entre teoria e prática, pouca ou nenhuma inclusão de sujeitos e à forma unidirecional como os dados são produzidos e “retornam” àqueles que estão diretamente envolvidos no processo de pesquisar.

Apoiando-se, portanto, no pressuposto epistemológico de uma estreita relação entre as dimensões técnicas, políticas e éticas inseridas em qualquer desenho de pesquisa participativa, propomos neste artigo investigar, por meio de uma revisão integrativa, como a perspectiva do CBPR vem sendo incorporada nas pesquisas brasileiras na área da saúde, quais os temas mais frequentes e quais suas intencionalidades teórico-metodológicas.

MÉTODO

Este estudo é uma revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa contempla estudos sobre um determinado assunto, com diversas metodologias, em um recorte de tempo, e inclui etapas desde a formulação de uma questão geral, escolha de palavras-chave, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, seleção dos estudos, até a interpretação e análise dos dados. Sua potencialidade está em fornecer uma síntese e compreensão abrangente de um tema, permitindo novas problematizações à produção de conhecimento¹⁷.

Esta revisão contou com cinco etapas^{17,18}. A primeira consistiu na formulação da pergunta de pesquisa: qual o panorama da produção científica no Brasil que aborda o método PPBC e como se manifestam suas intencionalidades? Para tanto, foi utilizado o descritor “pesquisa participativa baseada na comunidade” e a busca foi realizada nas bases de dados nacionais da área de saúde: Scientific Electronic Library Online (SciELO) e LILACS — Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

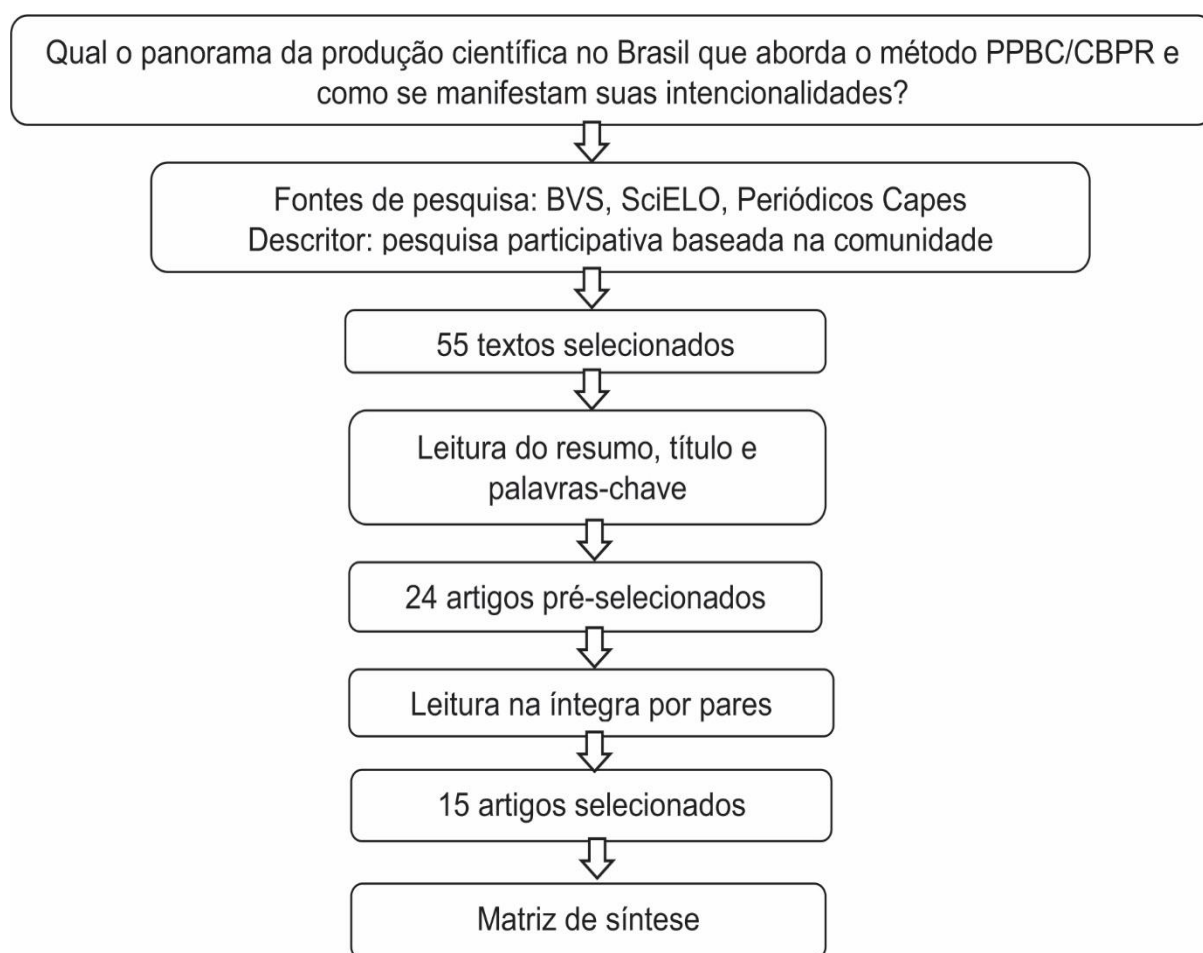
A segunda etapa abarcou a definição dos critérios de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos científicos publicados entre 2018 e 2021, disponíveis na íntegra (online), nos idiomas português, inglês ou espanhol e referentes a pesquisas realizadas no Brasil. A busca, em janeiro de 2022, resultou em 34 textos na BVS, 16 no SciELO e 05 no Periódicos Capes.

Na terceira etapa, houve a seleção dos estudos a partir da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave da literatura pré-selecionada com o intuito de verificar a adequação aos critérios estabelecidos. Nessa etapa foram excluídos os textos duplicados e as teses, dissertações,

documentos ou pesquisas institucionais e textos publicados em anais de eventos. Esta etapa contou com dois pesquisadores para a definição da exclusão dos artigos e foram selecionados 24 textos.

Esses artigos pré-selecionados compuseram uma tabela síntese das informações extraídas da leitura completa de todos os textos, caracterizando a quarta etapa na qual foram excluídos os artigos cuja produção de dados ocorreu virtualmente, que se tratavam de recortes de um mesmo estudo sem diferenças importantes nas intencionalidades e que não continham abordagem/reflexões sobre a pesquisa participativa no corpo do texto (Figura 1).

Figura 1 – O processo de revisão integrativa



Fonte: elaborada pelos autores

A síntese de 15 textos selecionados contemplou o autor e ano da publicação, objetivos, participantes ou informantes-chave, local de estudo, abordagem teórico-metodológica e principais resultados, organizados em duas categorias: 1. As intencionalidades da Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade; 2. O enfoque da participação na Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade. Na quinta etapa, procedeu-se a discussão, interpretação e análise crítica dos resultados. Este artigo é fruto da pesquisa Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

e promoção da saúde: estudo de métodos e ferramentas de pesquisa participativa (financiamento FAPESP 2018/1321).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intencionalidades da Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade

A análise dos artigos (Quadro 1) aponta para a diversidade de temas abordados que dialogam diretamente com questões dos territórios e da atenção primária em saúde: segurança alimentar e nutricional¹⁹⁻²⁰; bullying²¹; arte-educação²²; saúde da criança²³; trabalho com reciclagem²⁴ e em saúde²⁵; pandemia²⁶; desastres e emergências em saúde²⁷; saúde mental e inclusão digital²⁸. Essa amplitude de temas permitiu o exercício da pesquisa participativa com uma gama diversa de participantes: líderes comunitários e moradores de bairro popular^{19,20,26,27}, usuários do Centro de Apoio Psicossocial²⁸; adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas²², adolescentes em escolas²¹, catadoras de materiais recicláveis²⁴, profissionais da Estratégia de Saúde da Família e gestores da saúde^{23,25,29}.

Alguns artigos abordaram a discussão de aspectos metodológicos das pesquisas participativas, incluindo o Comitê de Acompanhamento da Pesquisa como estratégia metodológica³⁰, o desenho da pesquisa e uso dos resultados pelos participantes²⁰, o diagnóstico participativo³¹, a participação³², a avaliação participativa²⁹ e os fundamentos teóricos metodológicos e possíveis aplicações da PPBC³³.

Todos os artigos selecionados apresentam PPBC como palavra-chave, mas abarcam a heterogeneidade de metodologias que compõem o campo das pesquisas participativas: pesquisa ação, PPBC, pesquisa-participativa, pesquisa avaliativa participativa, pesquisa-intervenção, pesquisa convergente assistencial. Este achado nos provoca: haveria semelhanças nas intencionalidades dos textos inerentes às pesquisas participativas, ainda que abordassem temas diversos e anunciassem/adotassem diferentes referenciais teóricos?

Para Wallerstein¹³, que tem se dedicado nas últimas décadas às pesquisas de PPBC, embora o emprego de um termo mais unificador possa ajudar a avançar o campo das pesquisas de abordagem participativa, as particularidades de um termo perdem relevância diante do elenco de valores e princípios estabelecidos nas diversas parcerias. O que significa colocar em ação o pesquisar “com” diferentes parceiros, como, por exemplo, grupos ou pessoas da comunidade, imbuídos de construir um processo de cocriação e de valorizar os saberes daqueles envolvidos na pesquisa.

Nesse sentido, podemos afirmar que a produção selecionada anuncia — e defende — um modo de pesquisar não hegemônico na área da saúde que se dá junto às pessoas, em processos

emancipatórios e de reflexão sobre as diferentes temáticas. Pesquisar “com” as pessoas sobre suas situações de vida e seus problemas cotidianos inclui os sujeitos como coparticipes das reflexões e processos de mudança incorporando questionamentos sobre o papel do Estado, bem como sobre as condições de vida, de trabalho, de saúde e de cuidado. Foi unânime a presença de resultados positivos relacionados ao desenvolvimento de pensamento crítico e potencial transformador diante tanto da aposta metodológica participativa como da aposta da pesquisa participativa como aproximação da teoria e prática, ciência e política.

Os artigos apontam, por exemplo, que pensar sobre o papel do Estado implica em identificar situações de violação de direitos, como a alimentação¹⁹ e o protagonismo juvenil²¹ e que pensar na percepção e nos sentidos do trabalho em saúde fortalece o cuidado na atenção básica relacionado ao trabalho dos ACS²⁵ e à saúde infantil²³.

Outro aspecto importante, fortalecido pela escolha de metodologias participativas, inclui o processo de ação-reflexão com múltiplos participantes: população, universidade, profissionais de diversos setores que subsidiam ações emancipatórias e intersetoriais para resolução de problemas identificados. A multiplicidade de participantes permitiria, portanto, a construção de processos transformadores de formação e práticas em saúde.

Cabe destacar que parte dos artigos da área de Enfermagem enfatizam a metodologia participativa, especialmente a pesquisa convergente assistencial sobre o trabalho de catadoras de reciclados²⁴ e dos ACS²⁵ e a arte/educação na Atenção Básica em Saúde para adolescentes em medidas socioeducativas²², como uma aposta de transformação, também, do papel e práticas profissionais do enfermeiro.

Quadro 1 – Descrição dos estudos selecionados: objetivos, participantes/local, abordagem teórico-metodológica e intencionalidades

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Ramos et al. (2018)	Compreender os sentidos atribuídos por equipes de Saúde da Família (ESF) à Caderneta de Saúde da Criança e ao desenvolvimento infantil	Trabalhadores da ESF de diferentes cidades brasileiras	Pesquisa-intervenção Ferramentas: grupo focal e construção de narrativas	A produção da saúde é vinculada à produção do conhecimento que implica em intervir sobre aquilo que se quer conhecer. Pressupõe a construção coletiva da capacidade de reflexão e autonomia de profissionais, gestores e usuários do SUS.

(Continuação)

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Coelho et al. (2018)	Analisar a interface trabalho feminino e saúde e realizar atividade educativa para empoderamento	Catadoras de uma cooperativa de materiais recicláveis de cidade do RS	<p>Pesquisa Convergente Assistencial</p> <p>Ferramentas: observação não sistemática participante, entrevista semiestruturada e técnica do grupo de convergências</p>	O tema da pesquisa emerge da prática profissional do pesquisador enfermeiro. Há o encontro entre a prática assistencial e a investigação científica no campo da saúde do trabalhador e atuação da enfermagem, contribuindo para o comprometimento do enfermeiro com a saúde das pessoas em suas experiências com o trabalho. Os achados subsidiam a proposição de estratégias assistenciais, de caráter emancipatório.
Lopes et al. (2018)	Conhecer a percepção dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) acerca das cargas de trabalho e realizar prática assistencial sobre o tema	ACS de município ao Sul do Brasil	<p>Pesquisa Convergente Assistencial</p> <p>Ferramentas: entrevistas semiestruturadas, grupos focais e grupos de convergência</p>	Há o compartilhamento do espaço físico/temporal da ação investigativa e científica com a prática assistencial com vistas a provocar mudanças que qualifiquem a assistência prestada. A concomitância de ações investigativas e assistenciais tem foco na educação em saúde e resulta em reflexões sobre a prática do enfermeiro.
Farre et al. (2018)	Avaliar as contribuições da arte/educação para a promoção da saúde de adolescentes em situação de vulnerabilidade social urbana	Adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa e arte-educadores de Fortaleza, CE	<p>Pesquisa participativa</p> <p>Ferramentas: oficinas artísticas</p>	O método permite o olhar crítico comprometido com a mudança e aposta na arte/educação como instrumento para o desenvolvimento da percepção, imaginação e capacidade crítica. O processo participativo utiliza conceitos, técnicas e achados avaliativos para promover o empoderamento das pessoas e, conseqüentemente, gerar melhorias em projetos, programas e outras tecnologias sociais.

(Continuação)

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/ Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Gatto Junior et al. (2018)	Refletir acerca da participação, tomando como base experiências em pesquisas participativas	---	Pesquisa participativa com destaque para a pesquisa-ação	A participação é um processo em construção de parcerias genuínas e redes de colaboração, com flexibilidade e dispositivos provocadores de transformação. Não está dada e é ferramenta a ser desenvolvida durante uma investigação com pressupostos de pesquisar “com” e não “para” ou “sobre”.
Aliaga et al. (2019)	Analisar percepções sobre a atuação do Estado na Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)	Moradores e líderes comunitários e moradores de um bairro popular de Salvador, BA	Pesquisa-ação e ecologia dos saberes Ferramentas: oficina e grupo nuclear da pesquisa-ação, mapa conceitual	Anuncia a oposição à visão dicotômica entre saber acadêmico e saber popular e a construção coletiva do entendimento da realidade e da proposição de práticas e reflexões transformadoras.
Vaz et al. (2019)	Refletir sobre o funcionamento do Comitê de Acompanhamento de Pesquisa na avaliação nacional Programa de Volta para Casa	Pesquisadores, gestores, trabalhadores da Rede de Atenção Psicossocial, cuidadores das residências terapêuticas, beneficiários e familiares de municípios brasileiros	Pesquisa avaliativa participativa	O Comitê pode ser um dispositivo ativo, com capacidade de intervenção em realidades e criação de novos desejos, sensibilidades e configurações sociais. É outro modo de pesquisar, o que gera desconforto por reposicionar os “lugares” da universidade, dos serviços, da gestão, do(a) pesquisador(a) e dos sujeitos da pesquisa em um exercício coletivo, negociado, de escolhas.

(Continuação)

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/ Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Borges et al. (2019)	Descrever fundamentos teóricos metodológicos e possíveis aplicações da CBPR		Pesquisa acoplada à comunidade e CBPR	Os parceiros da comunidade, valorizados em todas as etapas do processo investigativo, rompem com a dicotomia pesquisador/ pesquisado por meio de diálogo cultural e fazer compartilhado com vistas à transformação social. Considera o contexto, o grau de confiança entre os parceiros e um constante processo de negociação sobre o percurso da pesquisa com aplicação potente na enfermagem comunitária.
Aliaga et al. (2020)	Analisar a experiência de pesquisa participativa com ênfase nos instrumentos de avaliação da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) no território	Líderes comunitários e/ou moradores de um bairro popular de Salvador, BA	Pesquisa-ação Ferramentas: oficina, grupos de trabalho, coleta e análise de dados secundários e pesquisa domiciliar, diário de campo da equipe de pesquisa	Os indivíduos são sujeitos políticos que constroem seus próprios saberes e elaboram estratégias de enfrentamento e reivindicação dos seus direitos. Pressupõe a inserção dos processos de pesquisa nas dinâmicas sociais, políticas, econômicas e ambientais locais para o melhor entendimento da situação e dos processos de vulnerabilização em um caminho emancipatório, indissociável da ação e dos atores da transformação social.
Brandão Neto et al. (2020)	Desenvolver estratégia participativa de educação em saúde no processo de formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do bullying escolar	Adolescentes líderes de escola de Recife, PE	CBPR e Círculos de Cultura Ferramentas: observação participante, diários de campo, filmagens e registro fotográfico	A abordagem envolve, de forma equitativa, a comunidade no processo de produção de conhecimento, com vistas ao exercício da promoção da saúde. Os processos interativos de ação, reflexão e aprendizagem experiencial identificam e propõem soluções para os problemas vividos na comunidade e intervenções sensíveis à transformação da realidade com foco no protagonismo juvenil.

(Continuação)

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/ Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Furtado et al. (2020)	Analisar a dimensão participativa de processo de avaliação de Núcleos de Apoio à Saúde da Família a partir das contribuições de Paulo Freire e Orlando Fals Borda.	Trabalhadores dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. Gestores e Pesquisadores	Pesquisa de avaliação participativa Ferramentas: Curso, grupos focais, observação participante, relatos	Destaca a pertinência de resgatar as contribuições de Paulo Freire e Fals Borda — assim como as abordagens teórico-metodológicas neles baseadas e sucessivamente retomadas por diferentes autores norte-americanos — para acentuar a necessidade do caráter transformador de determinadas avaliações participativas.
Brasil et al. (2020)	Discutir os preceitos teóricos acerca do diagnóstico participativo como opção metodológica na pesquisa participativa	Moradores de comunidade de Fortaleza, CE	Pesquisa participativa	O diagnóstico participativo, com múltiplas ferramentas, oportuniza o fortalecimento comunitário na compreensão de questões sociais, incluindo as condições de saúde, de educação e de participação efetiva nas soluções de problemas. O lugar do pesquisador é próximo à comunidade em ações compartilhadas de pesquisar e entender/transformar a realidade.
Freitas e Nunes (2020)	Discutir o processo de construção e utilização do Sistema de Informação Geográfica para apoiar a implantação e a consolidação do modelo integrado de gestão local participativa de riscos	Gestores públicos e moradores de comunidades da Bacia do Córrego d'Antas	Pesquisa ação e ecologia de saberes Ferramentas: seminários e metodologias de planejamento estratégico-situacional (oficinas comunitárias)	Discutir a relação entre pesquisador e objeto científico como parte da atuação prática do pesquisador, valorização das formas de conhecimento científico e popular e da interação entre esses diferentes tipos de conhecimento para produzir novos conhecimentos e capacidades de resposta das comunidades e do poder público aos desastres e emergências em saúde

(Conclusão)

Referência de autoria	Objetivo	Participantes/ Local	Abordagem teórico-metodológica	Intencionalidades
Neto et al (2020)	Analisar uma experiência de inclusão digital	Usuários do Centro de Atenção Psicossocial CAPS	Translação do Conhecimento Ferramentas: palestras, rodas de conversa e exercícios práticos e teóricos de inclusão digital.	A apropriação das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação atuou como instrumento facilitador de autonomia e visibilidade dos usuários do CAPS e pode ser considerada uma importante ferramenta a ser incorporada no cuidado pautado pela desinstitucionalização, diretriz estruturante da Reforma Psiquiátrica Brasileira
Furtado et al. (2021)	Aportar elementos para reflexões sobre o papel das pesquisas participativas na vivência da pandemia em territórios com maior vulnerabilidade	Moradores dos 14 territórios da Região Metropolitana de São Paulo (Diadema, Guarulhos, Osasco e São Paulo) e da Baixada Santista, estudantes e pesquisadores ligados à universidade	estudos de casos múltiplos e pesquisa participante Ferramentas: observação participante, diário de campo, usuário-guia, dados secundários	Moradores dos territórios também são pesquisadores e estabelecem diálogos mais equitativos para a construção de conhecimentos e das soluções para os desafios impostos pela pandemia, em abordagens baseadas nos direitos humanos. Ênfase no pesquisar “com” e integração pesquisador-campo de pesquisa com comitês de acompanhamento da pesquisa, e entrecruzamento dos saberes de diferentes disciplinas de pesquisadores que se permitem afetar pelo campo.

Fonte: elaborado pelos autores

O enfoque da participação na Pesquisa Participativa Baseada na Comunidade

Como abordamos no início deste artigo, há diferentes modos de entender as pesquisas com enfoque participativo, o que significa colocar em questão o próprio sentido da participação em pesquisa. Heidmann et al.³⁴ destacam que a abordagem participativa em pesquisa expõe muitos aspectos do itinerário de cunho libertador/emancipador de Paulo Freire e Fals Borda que propõem uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza os saberes individuais e coletivos dos cidadãos e pressupõe uma estreita relação entre teoria e prática, entre reflexões críticas e ações transformadoras. Muitos dos pressupostos de sua pedagogia crítica são incorporados nos estudos, como veremos a seguir, como a produção de um diálogo libertador, compromisso com a produção coletiva e contextualizada do conhecimento, fomento da capacidade de reflexão e autonomia dos envolvidos no processo de pesquisar^{28,29}.

Alguns artigos reforçam a diretriz da participação preconizada pelo Sistema Único de Saúde que implica na inserção da população na formulação e avaliação de políticas de saúde que englobam a coautoria tanto na gestão como na produção de saúde e ações de cuidado^{23,25,28} e também a participação em processos avaliativos^{29,30}. Essa perspectiva resulta na defesa da construção coletiva da capacidade de reflexão e autonomia para profissionais, gestores e usuários em constante reformulação. Nesse sentido, a aposta metodológica consiste em um modo de pesquisar com a participação ativa das pessoas, valorizando o aspecto intersubjetivo, no qual os efeitos do pesquisar-intervir aumentam o conhecimento e capacidade crítica dos envolvidos.

Outro aspecto relevante é o envolvimento da comunidade em um processo de pesquisar que cria espaços para pensar em um problema concreto em diálogo com o contexto social em que vivem quando, por exemplo, trabalham com dados secundários e com pesquisas domiciliares sobre alimentação nos territórios²⁰. Essa característica constitui sujeitos políticos que podem reformular coletivamente reflexões sobre temas complexos. Alguns artigos abarcam um recorte de pesquisas participativas extensas e enfocam questões pontuais de problemas cotidianos, como, por exemplo, a SAN e o papel do Estado na sua garantia¹⁹.

Quanto ao grau de envolvimento das pessoas nos processos de investigação, alguns textos apontam a lateralização entre os participantes, sejam eles da academia, trabalhadores de saúde/educação e/ou comunidade em uma construção de grupalidade, na qual todos são nomeados como pesquisadores e vivenciam todas as etapas da pesquisa participativa^{20,23,26}. Para a consolidação de um grupo de pesquisadores, de uma grupalidade, o caráter processual e os encontros periódicos e constantes parecem ser imprescindíveis.

Esses pressupostos aparecem nos textos que envolvem a participação de adolescentes, em percursos educativos que anunciam, por exemplo, o investimento no protagonismo juvenil em círculos de cultura. Nessa experiência, o trabalho com os adolescentes identificados como líderes na escola, para a prevenção de bullying, espalhou-se para as salas de aula, com discussões sobre respeito às diferenças, preconceito, discriminação, entre outros, e a produção de teatro, rap, vídeos, jogo de perguntas e respostas, cartazes. Ampliou-se, assim, a divulgação de mensagens *antibullying* e os espaços para livre expressão sobre o tema, colocando os adolescentes como pesquisadores e, também, como disseminadores das ações/discussões para toda a escola²¹. Em outra experiência, as muitas etapas da pesquisa permitiram a construção da missão, levantamento da situação, planejamento para o futuro, implementação e monitoramento e reavaliação de ações artísticas para adolescentes em medidas socioeducativas. Os adolescentes, ainda que não fossem anunciados como pesquisadores, além de participarem do planejamento das atividades artísticas e da reavaliação, produziram materiais como curta-metragem e exposição fotográfica para disseminação da discussão para a comunidade. Cabe

ressaltar que os autores sinalizam o aumento da capacidade crítica e avaliativa das ações de arte-educação, atribuídas ao processo da pesquisa participativa²².

Entretanto, alguns artigos trazem investigações nas quais há um pesquisador principal e/ou um grupo de pesquisa que amplia a participação de outras pessoas em momentos pontuais da produção de dados, especialmente construídos para a discussão dos achados de etapas anteriores da pesquisa (entrevistas, observação participante).

Nesses casos, a etapa que envolve os participantes pode adquirir um caráter de devolutiva, como os estudos que usam o grupo de convergência, momento em que os resultados são compartilhados e discutidos com os sujeitos da pesquisa²⁴. Há, neste caso, a figura do pesquisador que coleta dados e participa de todas as etapas da PCA: apreensão (organização e codificação das informações), síntese (síntese e mapa conceitual sobre trabalho e gênero), teorização (diálogo com referencial teórico) e transferência (aplicabilidade dos resultados encontrados para a prática profissional do enfermeiro, bem como possibilidades de aplicação em outros cenários). Essa proposição, dividida em uma etapa investigativa e outra assistencial, não impede a proposição de ações educativas que impulsionam processos de ação/reflexão/ação com o público estudado e que coloquem em análise as práticas do enfermeiro^{24,25}. Nessa aposta, haveria uma fase de diagnóstico seguida de uma de intervenção e, embora possam ser construídas diversas etapas coletivas, a centralidade — do processo de pesquisar — permanece no pesquisador/enfermeiro.

O diagnóstico aparece como etapa importante em alguns estudos^{20,31} colocando a apreensão do problema como uma etapa relevante para as pesquisas participativas que pode ocorrer, segundo Brasil et al.³¹, por meio de diversas técnicas como entrevista semiestruturada, caminhada transversal, mapeamento participativo e oficinas comunitárias.

Essas apostas abrem caminho para a triangulação de métodos que podem apoiar a percepção da complexidade dos problemas de saúde e dos contextos nos quais as pessoas vivem, como o trabalho com dados secundários de domínio público e pesquisa domiciliar²⁰ e com grupos focais e construção coletiva de narrativas²³. Estas questões compõem um mosaico de possibilidades que manejam a produção de dados — e de diagnóstico — por meio de estratégias individuais (entrevista), grupais (grupo focal, oficinas) e territoriais (caminhada transversal, *photo voice*, entre outros). A triangulação de métodos é defendida, também, como uma etapa que pode garantir consistência para a participação dos sujeitos na pesquisa desde que não sejam estabelecidos obstáculos à construção do processo participativo decorrentes das singularidades de contextos, coletivos e pessoas³².

Para esses autores, a participação pode ser um processo gradual, que envolve assumir a “disponibilidade (tomada de decisão e assunção de papéis) e a identificação (com o objeto de pesquisa, com o grupo de participantes, com os pesquisadores)”³²⁽⁴⁾, a ser construído ao longo

da investigação³². É importante pontuar que se trata de um processo construído coletiva, mas também individualmente, em um constante processo de ressignificação e de transformação do contexto, dos participantes/pesquisadores, da investigação, das realidades, entre outros.

Outro recorte das pesquisas participativas apresentados nos estudos diz respeito aos dispositivos que podem contribuir para a efetiva participação da comunidade na investigação, assumindo que a inclusão dos sujeitos da pesquisa nos processos é tarefa desafiadora diante dos contextos de vida e dos sentidos atribuídos a eles e ao ato de pesquisar. Ilustra esta perspectiva o Comitê de Assessoria Comunitária³³ e o Comitê de Acompanhamento da Pesquisa³⁰. Estes comitês — e correlatos — operacionalizam um mecanismo de diálogo constante entre múltiplos participantes. A depender dos avanços na construção dos comitês, bem como da composição e da pactuação coletiva, esses dispositivos podem adquirir caráter operacional, gerencial e participativo.

A restituição sistemática de dados já foi abordada por Fals Borda que a denominou como "técnica desalienadora que forma um novo conhecimento"²⁽⁵¹⁾. Para o autor, os grupos a quem se dirigem as pesquisas deveriam ser os primeiros a se inteirar dos resultados dos estudos. Essa perspectiva envolveria, portanto, uma 'simplicidade de comunicação" de forma a discutir os resultados da pesquisa a um público mais amplo de modo a estimular os grupos à "autoinvestigação". A restituição de dados, nesta revisão integrativa, nem sempre aparece de forma explícita e central nos processos participativos. É descrita de diversas formas: construção e validação de narrativas e núcleos de sentido em grupos focais²³, grupos focais com o núcleo da pesquisa-ação²⁰, grupo de convergência^{24,25}; reuniões de avaliação e desenvolvimento de materiais educativos e de divulgação^{21,22}. A restituição e o envolvimento de múltiplos participantes presentes na pesquisa permitem a construção de reformulações e produzem efeitos em todos os participantes, podendo alterar, inclusive, a questão da pesquisa.

No contexto da pandemia da covid-19 lidamos com temas complexos e singulares, como a saúde e a vida que podem ser amplamente relacionados com o contexto social, a cultura e com as subjetividades. Uma recente pesquisa, como vimos, dialoga com as experiências de enfrentamento das mazelas, especialmente de grupos mais vulnerabilizados²⁶, ou seja, coloca em questão a histórica separação e disputa de saberes, e incluem a participação na pesquisa como imperativo ético. Nessa direção, pesquisadores reforçam valores e necessidades dos sujeitos envolvidos em investigações e das quais podem ser extraídas potentes insumos para promover leituras críticas das condições de vida e saúde e apoiar a mobilização permanente por novos projetos societários, mais inclusivos e coletivos.

CONCLUSÃO

Como indicamos, o intuito deste artigo, ao desenvolver essa revisão integrativa, foi traçar um panorama das pesquisas que abordavam o PPBC como metodologia, dado nosso interesse, como grupo de pesquisa, em dialogar com as experiências e estudos que vêm incorporando essa perspectiva.

Ao iniciarmos a busca por palavras-chave que nos guiassem para a análise dos estudos, vimos que o termo PPBC foi adotado mundialmente, especialmente no mundo publicitário-acadêmico eurocêntrico e é um dos descritores das bases de dados que identificam trabalhos acadêmicos que envolvem todas as tipologias de pesquisas participativas, especialmente no campo da saúde. Portanto, foi verificada uma diversidade e heterogeneidade teórica e prática que, longe de se tornar uma questão problemática, pode nos instigar a buscar entender as inúmeras formulações que parecem estar assentadas em preocupações muito próximas.

O que fica evidenciado é que, guardadas suas correntes teórico-filosóficas, as pesquisas que utilizam como método a PPBC no Brasil têm em comum o objetivo de problematizar as relações investigativas evidenciando que o processo de produção do conhecimento não possui uma única racionalidade. Os estudos apontam uma crítica à objetividade e neutralidade da ciência impostos pela modernidade.

Os artigos analisados incorporam, em temas de investigação diversos, práticas coletivas de pesquisar, propondo a produção compartilhada do conhecimento, diálogos de saberes, estratégias de caráter emancipatório, processos de ação-reflexão, técnicas dialogais, mobilização e transformação. Nesse sentido, a revisão sobre estudos brasileiros que utilizam a PPBC aponta para pesquisas atentas às novas realidades científicas, sociais e políticas que podem orientar as práticas e as investigações — o que exige o reexame permanente das referências teórico-metodológicas, das práticas e dos valores que as sustentam.

Reforçamos a ideia de que, ao realizar uma análise coletiva das condições da pesquisa, incluindo aqui seus sujeitos e as instituições, estamos abrindo possibilidades para movimentos de transformação, criando novos enunciados e exigindo práticas criativas de investigação que fortalecem uma lógica de “políticas de participação”, sensíveis às realidades e demandas sociais, que colocam o desafio de romper com tradicionais relações verticais e paternalistas que se reproduzem nos processos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Brandão CR. Pesquisa participante. São Paulo: Ed. Brasiliense; 1ª ed. 1981.

2. Borda OF. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: Brandão CR. Pesquisa participante. São Paulo: Ed. Brasiliense; 1981, p.42-62.
3. Brandão CR. Repensando a pesquisa participante. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense; 1987.
4. Barbier R. A pesquisa-ação. Brasília: Plano; 2002.
5. Morin A. Pesquisa-ação integral e sistêmica. Uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
6. Thiollent M. Metodologia da pesquisa-ação. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
7. Franco MAS. Pedagogia da pesquisa-ação. Ed. Pesq [Internet]. 2005 [acesso em 2021 jan 03]; 31(3): 483-502. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?format=pdf&lang=pt>.
8. Brandão CR, Borges MC. A pesquisa participante: um momento da educação popular. Rev. Ed. Popular [Internet]. 2008 [acesso em 2021 mai. 10]; 6(1): 51-62. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>.
9. Passos E, Kastrup V, Escossia L. Pistas do método da cartografia: pesquisa e produção de subjetividade. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
10. Pinto JBG. Metodologia, teoria do conhecimento e pesquisa-ação: textos selecionados e apresentados. Belém: UFPA/Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
11. Pezzato LM, Prado GVT. Pesquisa-ação e pesquisa-intervenção: aproximações, distanciamentos, conjugações. In: L'Abbate S, Mourão LC, Pezzato LM. Análise Institucional & Saúde Coletiva. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 149-179.
12. Lewin K. Action research and minority problems. J. Soc. Issues. 1946; 2: 34-36.
13. Wallerstein N. Prefácio. In: Toledo RF, Rosa TEC, Keinert TM, Cortizo CT. Pesquisa participativa em saúde: vertente e veredas. São Paulo, Instituto de Saúde, 2018. p.11-26.
14. Ortiz M, Borjas B. La investigación acción participativa: aporte de Fals Borda a la educación popular. Espacio Abierto [Internet]. 2008 [acesso em 2021 jun. 05]; 17(4): 615-627. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=12217404>.
15. Wallerstein N, Duran B. Using community based participatory research to address health disparities. Health Promot Pract [Internet]. 2006 [acesso em 2021 jan. 10]; 7(3): 312-323. <http://dx.doi.org/10.1177/1524839906289376>.
16. Wallerstein N, Duran B, Oetzel J, Minkler M. Community-based participatory research for health. Advancing social and health equity. 3th ed. San Francisco: Jossey-Bass, 2018.
17. Mendes KDS, Silveira RCD, Galvão CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto contexto enferm [Internet]. 2008 [acesso em 2021 fev.13]; 17(4):758-764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>.
18. Botelho LLR, Cunha CCA, Macedo M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. Gestão Soc [Internet]. 2011 [acesso em 2021 ago. 06]; 5(11): 121-136. Disponível em: <https://www.gestoesociedade.org/gestoesociedade/article/view/1220>.
19. Aliaga MA, Santos SC, Trad LAB. Política(s) de segurança alimentar e nutricional: narrativas de líderes e moradores de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. Saúde Soc [Internet]. 2019 [acesso em 2022 jan. 02]; 28(4), 124-136. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019180849>.

20. Aliaga MA, Ribeiro MS, Santos SMC, Trad LAB. Avaliação participativa da segurança alimentar e nutricional em uma comunidade de Salvador, Brasil. *Ciênc saúde colet* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 jan.02]; 25(7): 2595-2604. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.25252018>.
21. Brandão Neto W, Silva CO, Amorim RRT, Aquino JM, Almeida Filho AJ, Gomes BMR, Monteiro EMLM. Formation of protagonist adolescents to prevent bullying in school contexts. *Rev. Bras. Enferm* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 fev. 01]; 73(Supl.1): e20190418. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>.
22. Farre AGMC, Pinheiro PNC, Vieira NFC, Gubert FA, Alves MDS, Monteiro EMLM. Adolescent health promotion based on community-centered arts education. *Rev. Bras. Enferm* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 fev.01]; 71(1), 26-33. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0078>.
23. Ramos JFC, Miranda L, Peixoto MVM, Marques MR, Mendes LC, Pereira ERP. Pesquisa participativa e as estratégias de promoção da saúde integral da criança no Sistema Único de Saúde (SUS). *Interface - Comunic., Saude, Educ* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 jan. 24]; 22(67), 1077-1089. <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0280>.
24. Coelho APF, Beck CLC, Silva RM, Vedotto DO, Silva JRP. Trabalho feminino e saúde na voz de catadoras de materiais recicláveis. *Texto contexto enferm* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 jan. 15]; 27(1): e2630016. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018002630016>.
25. Lopes DMQ, Lunardi Filho WD, Beck CLC, Coelho APF. Cargas de trabalho do agente comunitário de saúde: pesquisa e assistência na perspectiva convergente-assistencial. *Texto contexto enferm* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 jan.15]; 27(4): e3850017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018003850017>.
26. Furtado LAC, Fegadolli C, Chioro A, Nakano AK, Silva CG, Paula L et al. Caminhos metodológicos de pesquisa participativa que analisa vivências na pandemia de Covid-19 em populações vulneráveis. *Saúde em Debate* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 jan. 06], v. 44, n. spe 4, p. 306-318. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E421>.
27. Freitas LE, Nunes FSB. Potencial de SIG participativos na gestão de riscos de desastres e emergências em saúde. *Saúde em Debate* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 jan.17], v. 44, n. spe2, p. 214-229. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E215>.
28. Neto AP, Ribeiro BD, Guljor APF, Barosa L, Sampaio CMA, Castro CA. Eu quero entrar na rede: análise de uma experiência de inclusão digital com usuários do Caps I. *Saúde debate* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 jan.19]; 44(3): 58-69. <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E307>.
29. Furtado JP, Serapioni M, Pereira MF, Tesser CD. Participação e avaliação participativa em saúde: reflexões a partir de um caso. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2021 [acesso em 2022 jan. 17]; 25: e210283. <https://doi.org/10.1590/interface.210283>.
30. Vaz BC, Lyra J, Cardoso AJC, Silva AA, Moraes MM. Produção compartilhada de conhecimentos em saúde mental: o comitê de acompanhamento de pesquisa. *Saude e Soc* [Internet]. 2019 [acesso em 2022 jan. 14]; 28(3): 21-28. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020190436>
31. Brasil CCP, Silva RM, Vasconcelos DP, Sousa IV. Reflective study on participatory diagnosis as a community research strategy. *Rev. Bras. Enferm* [Internet]. 2020 [acesso em 2022 jan.17]; 73(5): e20190086. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0086>.
32. Gatto Júnior JR, Sousa LA, Pesce S, Fortuna CM. A participação em pesquisas com metodologias participativas: reflexão sobre experiências. *Rev. Bras. Promoç. Saude* [Internet]. 2018 [acesso em 2022 jan.19]; 31(Supl): 1-10. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/8643>.

33. Borges CJ, Munarill DB, Biancoll VC, Dias PCS, Medeiros M, Stacciarini JMR. Pesquisa participante baseada na comunidade: fundamentos, requisitos e desafios ao pesquisador. Rev. Enferm. UFSM [Internet]. 2019 [acesso em 2022 jan.10]; 9: 1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/32536/html>.
34. Heidemann ITSB, Dalmolin IS, Rumor PCF, Cypriano CC, Costa MFBNA, Durand MK. Reflexões sobre o itinerário de pesquisa de Paulo Freire: contribuições para a saúde. Texto contexto enferm [Internet]. 2017 [acesso em 2022 jna.18]; 26(4), 0680017. <https://doi.org/10.1590/0104-07072017000680017>.

Artigo recebido em fevereiro de 2022

Versão final aprovada em dezembro de 2022